

Violência



Missões, o índio e a liberdade

SYLVIO BACK

A Igreja dos anos 80 vem batendo forte os punhos contra o peito na vã tentativa de exorcizar seus crimes imprescritíveis cometidos durante a Conquista (e séculos afora, até hoje).

Como se isso bastasse: mortos não ressuscitam.

Porque é um "mea culpa" nada inocente e nem por acaso: orquestrada nos átrios do Vaticano (e da Companhia de Jesus, especialmente), ela agora salta dos púlpitos e homilias para as luzes do espetáculo cinematográfico e, pasmem, apropria-se até do linguajar de impacto visual do gibi para melhor atingir o grande público e neutralizar os seus críticos.

Quase subitamente —depois de mantida acima de qualquer suspeita, exatamente por representar uma prática acabada e de eficácia comprovada de levar o Verbo Divino aos "ímpios" (sic)— o reexame da evangelização do índio americano chega a um patamar de alto questionamento.

O que estará por detrás dessa ânsia de limpar o sangue do passado onde, à guisa de autopunição, são crucificados os próprios membros da estirpe, fiéis agentes do discurso "civilizatório" inculcado nas sociedades indígenas?

Em tom confessional, coube ao fundador da Teologia da Libertação (a TL, é a "Opus Dei" de extrema-esquerda), Gustavo Gutiérrez, a iniciativa de execrar a Igreja colonial com estas palavras "... a entrada do Evangelho (na América) teve um custo humano impressionante". "... Existem suficientes testemunhos sobre a quantidade de índios mortos devido à evangelização" (Revista "Crisis", Argentina, junho/86).

Apesar da sinceridade, o reconhecimento da violência de ontem é apenas um despiste para aplacar os protestos e subentender que hoje as coisas estão diferentes.

Ledo engano. A Igreja não mudou em nada sua implacável caçada no encalço da alma do "primitivo" que já escasseia (graças a ela mesma) no continente; que seus missionários históricos lotearam desde 1492.

Essa verdade é ineludível, apesar e "pour cause" dos "teólogos da libertação", cuja reverência a ditadores e ditaduras "não-biodegradáveis" de todas as latitudes, é sintomática (sem nenhuma coincidência, os totalitarismos sempre acabam de mãos dadas e beijo na boca).

Dai essa moderna recauchutagem procurando rejuvenescer a metodologia da evangelização: primeiro, incorporando aportes profanos, como os oriundos da retórica materialista do marxismo-leninismo (à sombra da "ditadura do proletariado"... ) e, agora, mais recente, investindo no imaginário popular (do qual, aliás, a Bíblia não só

é precursora, como imbatível), recorre aos seus formatos de empatia mais imediata.

Um vale-tudo que objetiva reescrever o período colonial a partir de um registro atual supostamente saneado de vícios e distorções, menos predatório —respeitador da cultura indígena. Portanto, arditosamente, elege-se uma evangelização idealizada— longe da má-fama que tem levado a Igreja ao banco dos réus —como se sempre assim fora a quem lhe pareceu.

Desse movimento fazem parte as conhecidas arengas populistas e posições "esquerdistas" da TL (cujos dignatários já não vêem tanta e muita diferença ideológica e de métodos entre Roma e Moscou...), o filme inglês "A Missão", que cai de cabeça na mistificação da evangelização jesuíta no Paraguai e a revista italiana "Missiones", que se especializa em edulcorar o périplo catequético da Cia. de Jesus pelo mundo, através de uma quadrinização de dar inveja às tiras de Tarzan, Mandrake e Garfield...

Pensando em voz alta (não alterada...), a idéia dessa reflexão, tão pertinente quanto a exposição "Missões" (ora no Masp), que conseguiu engrajar ilustres conhecidos e desconhecidos para manter vivo o mito do "índio tornado gente" pela caridade jesuítica"... , é articular alguns momentos-chave (que a crise de consciência branca, religiosa e imperial não perdoará) de um debate que soaria —até bem pouco— improcedente: a qualidade da evangelização cristã (e suas sequelas) junto à família indígena. De que maneira os novos mecanismos de reordenação desse pacto apascentador Igreja-índio, e a utilização "espiritual" e a "intromissão" laica —através da literatura, do cinema, teatro, HQ, artes plásticas— servem para desmobilizar o caráter de objeto sagrado da evangelização (afinal, o "trailer" da hóstia...), e exigem uma lavagem-de-roupa-suja sem meias tintas?

As certezas fossilizadas (felizmente) implodiram. E com elas, ninguém escapou ileso, sem máculas. Nem quem detinha (simulando procuração) a hegemonia de "iluminar" a alma dos "pecadores" (...), encaminhando-a para o Reino dos Céus. Não ficou Pedro sobre Pedro...

Ficamos, isto sim, prenhes entre o usufruto perene das frinças do espírito e a grotesca linhagem dos assaltantes do imponderável. Nada supera o elogio à liberdade: o índio, o nosso jamais.

SYLVIO BACK, 50, é cineasta, diretor dos filmes "Lance Malor", "A Guerra dos Pelodos", "Aleluia, Gretchen", "Revolução de 30", "República Guarani" e "Guerra do Brasil".